

“Por não saber quando será Deus, nosso senhor, servido levar-me para si”: práticas testamentárias e ritos fúnebres na Capitania do Rio Grande (1767- 1799)

Leanne Oliveira de Araújo

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS) e bolsista da CAPES
leanne@estudante.ufs.edu.br

1. Introdução

Súbito colapso
Pode ser a forma da morte chegar
Não precisa de muito cuidado
Ela mesmo se cuida
É rainha que reina sozinha
Não precisa do nosso chamado, medo
Pra chegar (Macalé, 1972)

Algumas vezes sem aviso, nem recado, outras com certa prenúncia, chega à morte para todo ser. Muitos, como na canção de Jards Macalé, sentem medo, na mínima menção da possibilidade de sua chegada, esse receio, comum a experiência humana, torna-se mais preocupante para alguns indivíduos, especialmente, aqueles que acreditam numa vida após a morte e nos galardões celestiais que os aguardam. Este medo perpassa a temporalidade, sendo comum a muitos indivíduos na contemporaneidade, mas também, aos cristãos da Capitania do Rio Grande, na segunda metade do século XVIII. Estes, apreensivos dos desígnios *pré* e *post mortem*, quando sentiam que o fim terreno se aproximava (Ariès, 2000) muitos cuidavam em organizar tanto sua vida e possessões terrenas, quanto assegurar a veracidade de sua fé cristã, visando pôr suas almas no caminho da salvação (Torres, 2022).

Para tanto, os cristãos da capitania do Rio Grande se utilizavam de testemunhos, hodiernamente compreendidos como documentos jurídico-cíveis que exprimem as últimas vontades dos indivíduos, referentes a diversos aspectos, como: o hábito sepulcral, a cerimônia do funeral, seus dados pessoais, listagem dos filhos, testamentários, herdeiros e pedidos especiais, como também a partilha de seus bens. (Flexor, 2005). Porém, os testamentos, além de serem instrumentos legais, quando interrogados pelo historiador, são uma das mais ricas fontes para se conhecer a antiga postura diante da morte e da sepultura (Ariès, 2012). Tornam-se importantes fontes de estudo, dessa maneira, compreende-se o testamento na ciência histórica como uma documentação

de “relatos individuais que, não raro, expressam modos de viver coletivos e informam sobre o comportamento, quando não de uma sociedade, pelo menos de grupos sociais.” (Paiva, 2009).

Diante disso, este trabalho tem por objetivo analisar e demonstrar a existência de uma dupla preocupação, terrena e celestial, presente nos testamentos e nos vestígios materiais dos colonos da Capitania do Rio Grande entre 1767 e 1799. Constitui-se enquanto os primeiros apontamentos de uma pesquisa em curso, portanto, com base em fontes escritas e materiais, será elaborada uma análise dos testamentos presentes no livro "Últimas Vontades", do autor Thiago Torres, que reúne 31 testamentos dos habitantes da Freguesia de Natal e circunvizinhanças, no século XVIII. Assim como, tenciona-se por meio dos vestígios materiais envolvidos nas práticas funerárias elaborar um estudo sobre a morte nesse recorte temporal e espacial. Ademais, propõe-se que mesmo seguindo padrões testamentários e fúnebres da religião oficial do reino português, a católica, ao chegar nas terras da colônia, pode-se identificar particularidades próprias do “morrer” em colônia.

2. Metodologia

Toda pesquisa histórica, conforme Tania Regina de Luca, necessita de um instrumental metodológico, visto que, a depender do tipo de corpo documental e dos objetivos, a metodologia será alterada, por possuírem especificidades que devem ser trabalhadas minuciosamente e dentro de determinados parâmetros (Luca, 2020). Desse modo, define-se, em primeiro lugar, as fontes documentais desta pesquisa, como fonte primária e central dessa análise está o livro *Últimas vontades: Indivíduos e testamentos da capitania do Rio Grande do Norte na segunda metade do século XVIII*, escrito e organizado pelo professor Thiago Torres, publicado em 2022. O livro reúne um conjunto documental onde estão os 31 testamentos que serão analisados neste trabalho, disponível em formato digital no site do Laboratório de Experimentação em História Social (LEHS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Essa documentação, além de fácil acesso no meio digital, conta com os testamentos transcritos, um esforço riquíssimo do laboratório de pesquisa, viabilizando esse estudo no tempo hábil do programa sem a necessidade de transcrição dos documentos originais. Conforme citado acima, o recorte espacial será a Freguesia de Natal, na capitania do Rio Grande, local onde os testamentos foram lavrados, e o recorte temporal, será a data do primeiro testamento até o último, de 1767 até 1799, correspondendo a segunda metade do século XVIII.

Dessa forma, será elaborada uma análise qualitativa objetivando compreender quem eram esses indivíduos, o gênero dos testadores, cor, profissão, suas filiações, possessões e os últimos

desejos que deixaram escrito. Em seguida, será elaborada uma análise quantitativa das fontes, de todos os dados analisados qualitativamente, serão transformados em gráficos e tabelas, para entender a proporção de pessoas que elaboraram testemunhos em comparação com os dados demográficos do período. Ademais, além das fontes escritas, também serão analisados os vestígios materiais mencionados pelos testadores que resistiram as intempéries do tempo, em especial, as igrejas que compunham naquele contexto o sistema religioso e de sociabilidade dos colonos. Desta forma, pretende-se realizar um mapeamento das igrejas e tratar estes dados a partir de uma perspectiva arqueológica. Especificamente, à luz do conceito de paisagem cultural que postula

A paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, locus de interação entre a materialidade e as representações simbólicas. (Ribeiro, 2007, p.9)

Além disso, as fontes secundárias desta pesquisa, serão majoritariamente duas, a primeira, as Ordenações Portuguesas, um conjunto de leis que formaram o direito português durante o período moderno, sendo três: Afonsinas (1446); Manuelinas (1512) e Filipinas (1603). Essas leis determinavam todas as esferas dos procedimentos jurídicos, civis e até mesmo religiosos do reino. Com base nessas Ordenações, será pesquisado se a redação e os procedimentos relacionados aos testamentos mudam ou permanecem os mesmos e se nos testamentos do Rio Grande, podem ser percebidas essas mudanças ou não. Em seguida, a segunda fonte analisada serão os manuais de bem morrer, especificamente, *O Breve aparelho e modo fácil para ensinar a bem morrer* do padre jesuíta Estevão de Castro, buscando compreender como se determinava o bem morrer, os procedimentos necessários para o cônego e o testador.

3. Resultados e discussão

Primordialmente, por se tratar de um estudo em fases iniciais, ainda não se dispõem de resultados concisos sobre a análise que será empreendida, entretanto, existem discussões já em curso sobre o campo a partir da mobilização de alguns conceitos, como por exemplo, o de morte. Este, varia a depender da esfera de análise proposta, podendo ser a antropológica, a religiosa, a biológica, a filosófica, etc. Entretanto, predominantemente, é o critério biológico que determina o que é a morte, de maneira resumida: o encerramento definitivo de todas as atividades respiratórias, circulatórias ou cerebrais (Gonçalves, 2007). Embora seja um critério irremediável, para a História,

a morte nem sempre foi a mesma, ou melhor, as atitudes e comportamentos diante da morte não são imutáveis, sendo diversas a depender da temporalidade e do espaço no qual cada sociedade compreende e encara a morte. Dessa historiografia das posturas diante da morte é que a História da Morte se ocupa (Schmitt, 2023) explorando aspectos como os hábitos e ritos funerários, a mentalidade sobre o morrer, os cemitérios, os enterros e as representações nas artes sobre essa temática.

Nos testamentos, propõe-se, conforme citado, demonstrar a existência de uma dupla preocupação, terrena e post mortem, imbuídos pela religião oficial do reino, a religião católica, disseminada na colonização e aprofundada na mentalidade vigente. Dessa maneira, pretende-se elaborar uma História das Mentalidades, compreendida, de acordo com Barros, como “[...] a dimensão da sociedade relacionada ao mundo mental e aos modos de sentir.” (Barros, 2004, p.37). Pensar, sentir e atuar no mundo físico, especialmente diante da morte, são esferas próprias da multifacetada e polissêmica História Cultural.

Por conseguinte, além da concepção de morte, serão mobilizados outros conceitos como o de religião, que difere de religiosidade, que, de acordo com Manoel, pode ser definida como

[...] o conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas, cujo objeto e objetivo é fazer a ponte de ligação entre o sagrado e o profano, o caminho de reaproximação entre criatura e criador, o Homem e Deus. Não por acaso, os sumos sacerdotes da maioria das igrejas, também são denominados Sumos Pontífices, os Supremos Construtores da Ponte Sagrada. (Manoel, 2008, p.19)

Essa vontade de religação, entre os homens e deus, pode ser percebida nos testamentos, mesmo no fim de suas vidas, garantir a ligação entre si e o criador era essencial para garantir essa aproximação pela eternidade após a morte. Dessa maneira, estudar os aspectos do catolicismo colonial nos testamentos será basilar, especialmente, nas representações que podem ser identificadas. Em um movimento de entrelaçamento cultural, que embora definido por Silveira em um recorte medievalístico, pode-se utilizar para esta pesquisa, uma vez que, articulam-se diferentes ritos fúnebres e testamentários, portanto, a autora esclarece:

A ideia de entrelaçamentos constrói imagens mentais de uma teia ou rede, onde cada fio interconectado a outros infinitos fios e laços seria parte constituinte de um tecido histórico maior. No entanto, quando o pesquisador torna-se de fato consciente dessa rede encadeada, surge a questão de como trabalhar metodologicamente com essa perspectiva. Uma via possível seria, a partir da identificação de um ponto de intersecção nessa teia (vórtice histórico), analisar diversos fios e conexões, obtendo, assim, uma visão mais ampla do fenômeno

histórico. (Silveira, 2016, p.41)

A partir deste conceito, pode-se então identificar e ordenar a origem de determinadas práticas como, por exemplo, a razão dos testadores pedirem para serem enterrados com hábitos de determinados santos católicos, como São Francisco ou Nossa Senhora do Carmo; o apelo a determinados santos, em particular, os santos de seu nome; a quantidade de intercessões por sua alma e o pagamento de missas após a morte para si e para seus familiares.

4. Considerações finais

Por fim, diante do supracitado, pode-se perceber a riqueza documental dos testamentos, possibilitando uma miríade de perspectivas de análises e possibilitam a compreensão de aspectos da vida e da morte de tempos pretéritos, suas mentalidades, medos e anseios pré e pós-morte. Por fim, conforme abordado, pretende-se contribuir para os estudos da História da Capitania do Rio Grande e da História da Morte. Outrossim, a morte e a vida estão conectadas, compreender e estudar essas balizas sobre a morte possibilita compreender aspectos sobre a vida e a maneira com que as pessoas, em diferentes espaços e temporalidades, dão significado às formas de viver e de morrer. Além disto, nas páginas dos testamentos se torna possível apreender toda uma mentalidade e imaginário sobre a morte, que se manifesta fisicamente pelos ritos e práticas fúnebres e pelas formas com que as pessoas se preocupam com a vida. Os testamentos falam tanto sobre a morte sobre como a vida, sob uma aparente imobilidade, na realidade, estes mudam a cada novo olhar que se lança sobre ele, portanto, como campo de estudo, atrai o historiador, que busca o homem, em todos os seus momentos e neste caso, nos últimos, antes de se entregar a imobilidade eterna.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos tempos. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **O homem diante da morte**. Sintra: Publicações Europa-América, 2000.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História**: Especialidades e Abordagens. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Inventários e testamentos como fontes de pesquisa. **Revista Histedbr**. Campinas, 2005.

GONÇALVES, Ferraz. Conceitos e Critérios de Morte. **Nascer e Crescer**: revista do hospital de crianças maria pia, Porto, v. 15, n. 4, 2007, p. 245-248.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

MACALÉ, Jards. A Morte. **Jards Macalé**. Rio de Janeiro: Phonogram, 1972. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jards-macale/481509/>. Acesso em: 10 de dez. de 2024.

MANOEL, Ivan Aparecido. HISTÓRIA, RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE. **Revista Brasileira de História das Religiões**: Dossiê Identidades Religiosas e História. Maringá, v. 1, n. 1, 2008, p. 1-16.

PAIVA, Eduardo França. **ESCRAVOS E LIBERTOS NAS MINAS GERAIS DO SÉCULO XVIII**: estratégias de resistência através dos testamentos. São Paulo: Annablume, 2009.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SCHMITT, Juliana. **Três lições da história da morte**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2023.

SILVEIRA, Aline Dias da. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 36, n. 72, p. 39-59, mai./ago. 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n72_004

TORRES, Thiago. **Últimas vontades**: indivíduos e testamentos da capitania do rio grande do norte segunda metade do séc. xviii. Parnamirim: Editora Biblioteca Ocidente, 2022.

Agradecimentos

Agradeço o financiamento e apoio na elaboração do presente trabalho e da pesquisa como um todo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Também agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino, pelos apontamentos sempre gentis e assertivos em minha pesquisa.